

Alma penada na igreja

→ **Classificação:** Lendas e Mitos

→ **Assunto:** Relato de uma mulher que encontrou almas penadas dentro da igreja de madrugada.

→ **Região:**

- **Distrito:** Porto
- **Concelho:** Póvoa de Varzim
- **Localidade:** Póvoa de Varzim
-

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Ti Desterra
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Póvoa de Varzim

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:04:55

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Dezembro 2011
- **Palavras:** 824

Alma penada na igreja

Aqui, na Misericórdia, é como o senhor sabe, não é? É uma coisa.

Muitos anos atrás... Sei lá, cem anos atrás! Eu tenho 67... (Antigamente falava-se de muita coisa, no meu tempo ainda se falava de muita coisa. Ainda provei alguma, vá. Diz que não, ninguém queria acreditar; tudo bem: não queria acreditar quem não passou. Agora, quem passa, acredita.) Havia... As pessoas, claro: logo que tocasse as trindades, ninguém saía de casa. Ninguém, com medo. Andavam as almas a fazer penitência. Logo que tocasse as trindades, já o diabo andava à solta... E então que faziam? Logo que escurecesse, todo o mundo se fechava em casa. Ninguém saía à rua. Comiam o caldinho, lavavam os pezinhos – cama! Ora: quem se deitasse às sete horas da manhã, – da noite – quando chegasse à meia-noite, já tinha cinco horas dormido!

Uma vez, uma mulher disse:

- Fulano! -para o homem. -Eu amanhã vou-me levantar cedo porque tenho de moer.

Moer, que é o moinho: caga aqui o caganito, a moagem; moer o milho, que era para coser. Os pescadores cosiam todos, punham assim uma tábuia nos cabos, pendurados – chamavam o balaio. E punham-lhe, tiravam-lhe... abriam a porta ao fogo e botavam ali o pão para não ressoar dentro do forno – diziam eles, para não ressoar. E botavam ali o pão. (Na nossa casa não podia ir para lá o pão, senão o meu pai, ao outro dia, não tinha nada. Mas prontos; o meu pai, aí, fechava o pão. Senão estava desgraçado, o homem. Havia filho que comia um pão de cada vez.)

E então a mulher, chegou àquela hora, claro: acordou estremunhada!

- Ai, já dormi tanto! -não sei quantos...

Pega na saca, bota à cabeça e vem. Ela morava ao Norte, no Ramalhão, que é perto da Tourada. Ali chamavam o Ramalhão. Era a Rua do Norte. Com a saca a cabeça, vem, vem, vem... Vem por aqui – que ela depois ia por aí abaixo, para ir... (Isto agora tem umas estradas, mas naquele tempo não era assim. Ainda me lembro muito bem, que ainda é do meu tempo.) E a mulher chegou ali... aqui à Misericórdia... e viu muita gente à porta da igreja. A igreja aberta para trás. Diz ela:

- Ai... Uma missa. Vou aproveitar, hás-de ser tu o que Deus quiser. Olha, se não for a primeira, sou a segunda. Também, não venho sem moer o milho.

Pousou aquilo – a saca ao chão – e entrou para dentro da igreja. Olhou para o altar-mor... não viu ninguém. Aquelas luzes... aquelas luzes de azeite, naquele tempo era tudo alumiado em azeite.

- Ai, o padre nunca mais vem, valha-me Deus... -a olhar para os homens, para as mulheres... Não conhecia ninguém. - Ai, Jesus...

Às tantas, a mulher, como viu que o padre nunca mais aparecia, chega à beira de um homem e disse assim... Ela, para botar a saca ao chão, ela botou! Agora, para a levantar para a cabeça, não podia!

- Olhe, moço... Bote-me aqui uma mãozinha à saca...

Diz ele:

- Olhe, eu não posso... Porque eu morri tuberculoso, sabe? Mas vá aquele ali, que ele morreu no mar e morreu com toda a força, com toda a valentia dele.

A mulher não reflectiu! Chega à beira do outro e disse:

- Ó moço, bote-me aqui uma mãozinha à saca...

Diz ele:

- Eu não posso... Porque eu morri no mar, sabe? E antes de morrer, sofri muito.

Mas vá àquele, que morreu de desastre – foi instantâneo – e esse aí pode ajudá-la.

A mulher pôs-se a pensar:

- Se aquele morreu tuberculoso e este morreu no mar e aquele morreu de desastre... -por ali adiante!

Não pegou na saca, deixou lá a saca: toca a correr por quantas tinha! E fugiu directamente para casa! Chegou a casa, bateu à porta e o homem assim:

- Já vens?

- Ó, meu rico homem, anda depressa aos mortos, que levam o milho para o cemitério! Anda num instante comigo!

- Que mortos?! Estás tola?

- Ó homem... Então, meu rico homem...

Porque ali havia um cemitério. Ali era um cemitério.

- Então, homem... Eu pensava que era uma missa, meu homem... Ia ouvir aquela missinha, que eu depois ia moer o milho! E então, no fim, eu não peço... Não houve missa nenhuma, o padre não apareceu! E então pensei que o padre estivesse doente. E não vou para um, não me diz que morreu tuberculoso, o outro morreu no mar e mandam-me daí para o outro que tinha morrido de desastre? Ó meu rico homem, anda depressa comigo buscar a saca! Vai-nos levar o milho para o cemitério!

- Não, não vou, mulher. Quanto eu havia de ir! Não, que eu não sou tolo!

Mas a mulher, diz que foi um susto – isso aí contava a minha mãe, que já era de mães a contar – diz que apanhou um susto para toda a vida dela.